

daqui a um ano. Ele ainda é bebê, mas e daqui a alguns meses, como vai ser?”, indaga.

A arte tem sido a grande companheira de Camile. “Tem me ajudado muito. No começo da pandemia, quando estava grávida, eu respirava arte. Tudo o que tinha de ideia transmitia para os meus desenhos”.

Mãe de gêmeas. Para a nutricionista Mariana Ferri d’Ávila, o sonho de ser mãe falou mais alto do que o medo do coronavírus. Apesar dos riscos, a pandemia não adiou os planos da joseense que, além de muito ativa nas redes sociais, com mais de 300 mil seguidores, divide suas atenções entre o trabalho no consultório e as participações no programa “É de Casa”, da TV Globo.

Após dois abortos espontâneos e muita esperança, seu desejo foi enfim realizado e em dobro. “Minha gravidez foi muito planejada. Até cheguei a pensar: será que espero um pouco mais? E se demorar para passar? Deixamos nas mãos de Deus e em maio do ano passado engravidei”, relembra. No começo da gestação, Mariana conta que ficou receosa por não saber como seria, afinal, pouco se sabia sobre a doença. “Tomei muito cuidado. Nos isolamos em casa. Foram momentos de muita apreensão”, revela.

Aquela época, ninguém poderia imaginar o que viria pela frente. “Pensei que quando as minhas filhas nascessem, em janeiro, a pandemia já teria acabado. O tempo foi passando e, ao invés de acabar, chegava uma nova onda”, ressalta. “Durante a gravidez, eu não tive aquela sensação gostosa das pessoas me abraçando e desejando uma gravidez maravilhosa, pessoas que amo colocando a mão na barriga, eu não tive isso”, lamenta, mas sem amargura.

Os desafios para uma mulher que tem filhos gêmeos normalmente já são maiores, mas com a pandemia ganharam proporções colossais, já que a rede de apoio tende a ser bem mais restrita. “Minha



Família. Camile, Bento e a cachorrinha de estimação, a intrépida Elvira

rede de apoio é a minha mãe que tirou férias para passar o primeiro mês com a gente. Hoje em dia, ela sai do trabalho e vai para a minha casa ajudar no pior horário que é o momento do banho e de colocar para dormir. Também tenho as minhas irmãs e minha sogra, o que já é maravilhoso. Mas senti falta de ter uma rede de apoio das mulheres contando suas histórias, dividindo experiências”.

Mariana conta que até hoje muitas das amigas e boa parte da família ainda não conhecem as gêmeas Mel e Rafa. “Deixei de fazer muita coisa. Deixei de encontrar as pessoas que mais amo, de ver meus amigos, de celebrar algumas coisas, não vou à academia”, pontua.

Com todo o seu alto astral e atitude positiva, Mariana prefere sempre olhar o lado bom de tudo. “Com a pandemia, tive que reduzir meu ritmo. Como eu já tinha sofrido aborto espontâneo duas vezes antes das meninas, sabia que nesta gravidez teria que me cuidar mais e a pandemia me forçou a isso”.

Graças ao isolamento, Mariana conseguiu ficar mais em casa e ter uma gestação tranquila. “Meu marido é um pai excepcional. Gosto do jeito que ele divide comigo essa missão. Se não fosse ele tão ativo na paternidade, acho que já teria dado uma surtadinha porque com duas é muito difícil fazer tudo sozinha”.

E, apesar do cenário desolador, Mariana dá uma lição de resiliência. “O que a pandemia trouxe de bom foram as minhas filhas. Elas me trouxeram um olhar mais para dentro. Poder viver esse momento tão intensamente, não tem preço”.

Para as grávidas, ela deixa um recado. “Tentem extrair o melhor! Olhem o lado bom da pandemia, que é ter mais tempo para se conectar com o bebê. É um momento que nos foi dado à força, fomos obrigados a engolir essa pandemia, mas temos duas opções diante da adversidade: lamentar ou arregaçar a manga e ver o que tem de bom para tirar disso”. •



Passou a neura que eu tinha. Continuo me cuidando por saúde, e não por estética. A cicatriz da cesárea não me incomoda, se fosse antes eu ficaria horrorizada.

Camile Pasquarelli
Ilustradora Digital